

ALFAGUARA

Alba de Céspedes

O caderno proibido

Tradução de Ana Cláudia Santos



26 de novembro de 1950

Fiz mal em comprar este caderno, muito mal. Mas agora é tarde para me lamentar, o estrago já está feito. Não sei sequer o que me levou a comprá-lo, foi um mero acaso. Nunca pensei em ter um diário, até porque um diário deve permanecer secreto e, por isso, seria preciso escondê-lo de Michele e dos miúdos. Não me agrada esconder coisas; de resto, em nossa casa há tão pouco espaço, que seria impossível fazê-lo. Foi assim: há quinze dias, era domingo, saí de casa bastante cedo de manhã. Ia comprar cigarros para Michele; queria que, quando ele acordasse, os encontrasse na mesinha de cabeceira: aos domingos, dorme sempre até tarde. Estava um dia bonito, quente, não obstante o outono avançado. Sentia uma alegria infantil ao caminhar pelas ruas, do lado do sol, a ver as árvores ainda verdes e as pessoas contentes como parecem sempre estar nos dias festivos. Por isso, decidi dar um breve passeio, ir até à tabacaria na praça. Ao longo do caminho, vi que muitos paravam na banca da florista, e parei também, comprei um ramo de calêndulas. «Há que ter flores na mesa, ao domingo», disse-me a florista, «os homens repararam nisso.» Eu sorri, anuindo. Mas, na verdade, ao comprar aquelas flores não estava a pensar nem em Michele

nem em Riccardo, que até as apreciava muito. Comprava-as para mim, para as ter na mão enquanto caminhava. A tabacaria estava cheia de gente. Ao esperar pela minha vez, com o dinheiro já pronto, vi uma pilha de cadernos na montra. Eram cadernos pretos, brilhantes, grossos, daqueles que se usam na escola, e nos quais — ainda antes de os iniciar — eu escrevia logo, na primeira página, com entusiasmo, o meu nome: Valeria. «Dê-me também um caderno», disse eu, revolvendo a bolsa à procura de mais dinheiro. Mas, quando ergui os olhos, vi que o vendedor tinha assumido uma expressão severa para me dizer: «Não se pode, é proibido.» Explicou-me que um polícia se punha de guarda à porta, todos os domingos, para que só se vendesse ali tabaco, e nada mais. Eu tinha ficado sozinha na loja. «Preciso de um», disse-lhe, «preciso mesmo de um.» Falava baixinho, agitada, estava disposta a insistir, a suplicar. Então, ele olhou em volta e, em seguida, pegou rapidamente num caderno e estendeu-mo sobre o balcão, dizendo: «Ponha-o debaixo do casaco.»

Mantive-o debaixo do casaco durante todo o caminho, até casa. Temia que escorregasse, que caísse para o chão enquanto a porteira me contava não sei o quê sobre a coluna de gás. Tinha a cara vermelha ao pôr a chave na porta para a abrir; pensei ir diretamente ao quarto, mas lembrei-me de que Michele ainda estava na cama. Entretanto, Mirella chamava-me: «Mãe...» Riccardo perguntava: «Compraste o jornal, mãe?» Estava agitada, confusa, temia não conseguir ficar sozinha enquanto despia o casaco. «Vou metê-lo no armário», pensava. «Não, a Mirella abre-o muitas vezes para ir buscar roupa minha para vestir, um par de luvas, ou uma blusa. A cómoda, o Michele está sempre a abri-la. E a escrivanhinha está agora

ocupada pelo Riccardo.» Pensava que já não tinha, em toda a casa, uma gaveta, um recanto que fosse ainda meu. Propunha-me fazer valer os meus direitos desse dia em diante. «No armário da roupa branca», decidi, mas depois lembrei-me de que Mirella tira de lá todos os domingos uma toalha lavada para pôr a mesa. Atirei-o, por fim, para o saco dos trapos, na cozinha. Mal tinha acabado de fechar o saco, Mirella entrou e disse: «O que se passa, mãe? Tens a cara toda vermelha.» «Deve ser do casaco», respondi, despindo-o. «Hoje está calor lá fora.» Parecia-me que ela poderia dizer: «Não é verdade, é porque escondeste alguma coisa no saco.» Tentava convencer-me inutilmente de que não tinha feito nada de mal. Ouvia de novo a voz do vendedor da tabacaria a avisar: «É proibido.»

10 de dezembro

Por mais de duas semanas, mantive o caderno escondido sem conseguir escrever. Foi muito difícil, desde o primeiro dia, mudá-lo constantemente de sítio, encontrar esconderijos onde não fosse logo descoberto. Se o tivessem encontrado, Riccardo ter-se-ia apoderado dele para tirar apontamentos na universidade, ou Mirella para continuar o diário que tem fechado à chave na gaveta. Poderia tê-lo defendido, dizer que era meu, mas teria de justificar usá-lo. Para registar as despesas, sirvo-me sempre de umas agendas publicitárias que Michele, nos primeiros dias do ano, me traz do banco: ele próprio me teria amavelmente aconselhado a cedê-lo a Riccardo. Caso isso acontecesse, renunciaria logo ao caderno e nunca mais

pensaria em comprar outro: por isso, defendia-me com firmeza dessa eventualidade, embora — devo confessá-lo —, desde que possuo este caderno, nunca mais tenha tido um momento de paz. Dantes, ficava sempre triste quando os miúdos saíam, e agora, pelo contrário, desejo que o façam, para ficar sozinha e escrever. Nunca me tinha dado conta, até então, de que, por causa da exiguidade da nossa casa e do horário do escritório, raramente tenho ocasião de estar sozinha. Na verdade, tive de recorrer a uma artimanha para começar este diário: comprei três bilhetes para o jogo de futebol e disse que mos tinha oferecido uma colega do escritório. Dupla artimanha, já que, para os comprar, usei dinheiro destinado às compras. Logo a seguir ao pequeno-almoço, ajudei Michele e os miúdos a vestirem-se, emprestei a Mirella o meu casaco grosso, despedi-me carinhosamente, e fechei a porta atrás deles com um arrepio de satisfação. Depois, arrependida, corri à janela como que para os chamar. Estavam já longe e parecia-me que corriam para uma cilada que eu armara para os prejudicar, e não para um inócuo jogo de futebol. Riam-se entre si, e aquele riso causava-me uma pontada de remorso. Quando voltei para dentro, pensei começar logo a escrever, mas a cozinha estava ainda por arrumar: Mirella não tinha podido ajudar-me como faz sempre aos domingos. Até Michele, tão arrumado por natureza, tinha deixado o armário aberto, algumas gravatas espalhadas aqui e ali, e também hoje o fez. Hoje voltei a comprar bilhetes para o jogo, e assim posso desfrutar de alguma calma. O mais esquisito é que, quando por fim posso retirar o caderno do seu esconderijo, sentar-me e começar a escrever, não encontro nada para dizer, além do relato da luta quotidiana que travo para o ocultar. Agora, tenho-o escondido na velha

arca onde guardamos a roupa de inverno durante o verão. Mas, há dois dias, tive de dissuadir Mirella de abrir a arca para ir buscar umas calças grossas que ela usa por casa desde que deixámos de ter aquecimento. O caderno estava ali: mal tivesse levantado a tampa da arca, tê-lo-ia visto. Por isso, disse-lhe: «Ainda é cedo, ainda é cedo», e ela revoltou-se: «Tenho frio.» Eu insisti com tanto fervor, que até Michele reparou. Quando ficámos sozinhos, disse-me que não compreendia porque é que eu tinha contrariado Mirella. Respondi-lhe com dureza: «Sei o que estou a fazer», e ele olhou para mim, admirado com o meu humor insólito. «Não gosto que intervenhas nas minhas discussões com os miúdos», continuei. «Retiras-me toda a autoridade em relação a eles.» E, enquanto ele objetava que normalmente o culpo de não se ocupar deles o suficiente e se aproximava de mim com um ar brincalhão, dizendo: «O que se passa contigo hoje, mãe?», eu pensei que se calhar estava a começar a ficar nervosa, irascível, como — diz-se — todas as mulheres, depois dos quarenta anos; e, suspeitando que Michele pensava o mesmo, senti-me profundamente humilhada.

11 de dezembro

Ao reler o que escrevi ontem, pergunto-me se o meu carácter não terá começado a mudar no dia em que o meu marido, por brincadeira, começou a chamar-me «mãe». Agradou-me muito, de início, porque parecia-me assim ser a única pessoa adulta em casa, a única que já sabia tudo sobre a vida. Isso aumentava o sentido de responsabilidade

que sempre tive, desde criança. Agradou-me também porque, dessa forma, conseguia justificar o impulso de ternura que sempre me suscitou a maneira de ser de Michele, que continua cândido, ingênuo, mesmo agora que tem quase cinquenta anos. Quando ele me chama «mãe», eu respondo-lhe com um tom entre o severo e o terno, o mesmo que usava com Riccardo quando era pequeno. Mas agora percebo que foi um erro: ele era a única pessoa para quem eu era Valeria. Os meus pais chamam-me Bebe desde criança, e com eles é difícil ser diferente de quem fui quando tinha a idade em que me deram essa alcunha; na verdade, apesar de ambos exigirem de mim tudo o que se exige dos adultos, não parecem admitir que eu realmente o seja. Sim, Michele era a única pessoa para quem eu era Valeria. Para algumas amigas, sou ainda Pisani, companheira de escola; para outras, sou a mulher de Michele, a mãe de Riccardo e Mirella. Para ele, pelo contrário, desde que nos conhecemos, eu fora só Valeria.

15 de dezembro

Sempre que abro este caderno, vejo o meu nome escrito na primeira página. Apraz-me a minha caligrafia sóbria, não muito alta, inclinada para um lado, o que denuncia claramente a minha idade. Tenho quarenta e três anos, ainda que, quando penso nisso, não consiga convencer-me de que assim é. Os outros também se admiram quando me veem ao lado dos meus filhos, e fazem-me sempre um elogio que faz sorrir de embaraço Riccardo e Mirella. Seja como for, tenho quarenta e três anos, e parece-me uma

vergonha recorrer a subterfúgios pueris só para escrever num caderno. Por isso, é absolutamente necessário que eu confesse a Michele e aos miúdos a existência deste caderno e afirme o meu direito a fechar-me num quarto a escrever, quando tenho vontade. Agi de forma tola desde o início e, se continuar assim, só irei agravar cada vez mais a impressão que tenho de estar a fazer alguma coisa de mal ao escrever estas linhas inocentes. Tudo isto é absurdo. E, no entanto, agora já nem no escritório tenho paz. Se o diretor me retém para lá do horário de saída, temo que Michele chegue a casa antes de mim e que, por um motivo imprevisível, remexa nos velhos papéis onde escondo o caderno; por isso, muitas vezes arranjo uma desculpa para não ficar, e dessa forma renuncio a horas extraordinárias. Vou para casa numa grande ansiedade; se vislumbro o casaco de Michele pendurado na entrada, sinto o coração em sobressalto: entro na sala de jantar temendo ver Michele com o negro brilhante do caderno na mão. Se o encontro a falar com os miúdos, penso igualmente que possa tê-lo encontrado e esteja à espera de ficar sozinho comigo para me falar disso. Parece-me sempre que, à noite, ele fecha a porta do nosso quarto com especial cuidado, verificando o estalido da maçaneta: «Agora vai virar-se e dizer-me.» Mas não diz nada, dou-me conta de que fecha sempre a porta assim pelo hábito de ser meticoloso.

Há dois dias, Michele telefonou-me para o escritório, e eu receei de imediato que tivesse voltado para casa por um motivo qualquer e tivesse encontrado o caderno. Ao atender, gelei. «Escuta, tenho de dizer-te uma coisa...», começou ele. Por alguns segundos, perguntei a mim mesma, ofegante, se devia afirmar o meu direito a ter quantos cadernos quisesse e a escrever neles o que bem

entendesse, ou se, pelo contrário, devia suplicar-lhe: «Michele, compreende-me, eu sei, fiz mal...» Mas ele só queria saber se Riccardo se tinha lembrado de ir pagar as propinas à universidade, pois o prazo terminava nesse dia.

21 de dezembro

Ontem à noite, logo depois do jantar, disse a Mirella que não gosto do hábito que ela tem de fechar à chave a gaveta da escrivaninha. Respondeu-me com surpresa, objetando que tem esse hábito há anos. Retorqui que, na verdade, há anos que o reprovoo. Mirella respondeu com vivacidade que, se estuda tanto, é precisamente porque quer começar a trabalhar, ser independente e sair de casa logo que atinja a maioridade: assim, poderá ter todas as gavetas fechadas sem que ninguém se ofenda. Acrescentou que guarda o diário na gaveta, por isso a fecha à chave, e que, de resto, Riccardo faz a mesma coisa, porque é lá que guarda as cartas que recebe das raparigas. Repliquei que, nesse caso, também Michele e eu teríamos direito a uma gaveta fechada à chave. «Mas nós temos uma», disse Michele. «É a gaveta onde guardamos o dinheiro.» Eu insisti que gostaria de ter uma só para mim; e ele, sorrindo, perguntou-me: «Para quê?» «Ora, não sei, para guardar os meus papéis pessoais», respondi, «algumas recordações. Ou talvez mesmo um diário, como a Mirella.» Nessa altura, todos, incluindo Michele, começaram a rir perante a ideia de que eu pudesse ter um diário. «E o que querias escrever lá, mãe?», dizia Michele. Mirella, esquecendo o seu ressentimento, ria-se

também. Eu continuava a falar, sem ligar às gargalhadas deles. Então, sério, Riccardo levantou-se e veio ter comigo. «A mãe tem razão», disse, com gravidade, «ela também tem direito a ter um diário como a Mirella, um diário secreto, talvez um diário amoroso. Digo-vos que suspeito já há algum tempo que tenha um admirador secreto.» Simulava uma grande seriedade, franzia a testa, e Michele, entrando no jogo, mostrava-se preocupado, dizia que sim, era verdade, a mãe já não parecia a mesma, era preciso vigiá-la. Em seguida, desataram todos a rir-se novamente, às gargalhadas, e, aproximando-se de mim, abraçaram-me, até Mirella. Riccardo, segurando-me no queixo, perguntou-me com ternura: «Diz-me cá, o que é que queres escrever no diário?» De repente, desatei a chorar, e não percebia o que tinha, a não ser um grande cansaço. Ao ver-me chorar, Riccardo empalideceu, estreitou-me nos seus braços, dizendo: «Estava a brincar, mãezinha, não percebes que estava a brincar? Desculpa-me...» Depois, virou-se para a irmã e disse-lhe que é sempre por causa dela que acontecem estas coisas. Mirella saiu da sala de jantar, batendo com a porta atrás de si.

Pouco depois, Riccardo também foi dormir e ficámos sozinhos, Michele e eu. Michele começou a falar comigo, carinhosamente. Disse que compreendia muito bem o meu impulso de ciúme materno, mas que devia habituar-me a considerar Mirella uma jovem, uma mulher. Eu tentei explicar-lhe que não se tratava disso, de maneira nenhuma, e ele continuou: «Tem dezanove anos, é normal que tenha já certas coisas, uma impressão, um sentimento, que não queira revelar aqui em casa. Um pequeno segredo, enfim.» «E nós, então?», respondi. «Nós também não temos direito a ter segredos?» Michele pegou-me na mão, acariciou-a

com ternura. «Oh, minha querida», disse ele, «que segredos queres que tenhamos ainda, na nossa idade?» Se tivesse pronunciado estas palavras num tom atrevido, galhofeiro, ter-me-ia revoltado; mas o tom angustiado da sua voz fez-me empalidecer. Olhei em meu redor para ter a certeza de que os miúdos estavam na cama e também eles podiam acreditar que aquele instante de fraqueza se tinha devido a ciúmes maternos. «Estás pálida, mãe», dizia Michele. «Cansas-te muito, trabalhas demasiado. Vou dar-te um conhaque.» Reagi prontamente, recusando. Ele insistiu. «Obrigada», disse eu, «não quero beber nada, já passou. Tens razão, se calhar estava um pouco cansada, mas agora estou ótima.» Sorri e abracei-o, para o tranquilizar. «És sempre a mesma: recompões-te logo», comentou Michele com ternura. «Nada de conhaque, então.» Embaçada, desviei os olhos. Na despensa, ao lado da garrafa do conhaque, dentro de uma velha lata de bolachas, estava escondido o caderno.

27 de dezembro

Há dois dias foi Natal. Na noite da consoada, Riccardo e Mirella foram convidados para um baile em casa de uns velhos amigos nossos, os Caprelli, que, naquela ocasião, apresentavam a filha à sociedade. Os miúdos receberam este convite com alegria, porque os Caprelli são uma família muito abastada, que recebe com generosidade e bom gosto. Eu também fiquei contente, porque assim poderia jantar sozinha com Michele, como quando éramos recém-casados. Mirella estava feliz perante a ideia de usar novamente o seu

primeiro vestido de noite, estreado no Carnaval anterior, e Michele emprestaria a Riccardo o seu *smoking*, como já fizera no último ano. Tendo em vista este serão, comprei a Mirella uma *écharpe* de seda semeada de filamentos dourados, e a Riccardo uma camisa formal, daquelas modernas com o colarinho sem goma. A tarde foi muito alegre, já que todos nós prevíamos passar um belo serão. Mirella, vestida, estava encantadora: a expectativa da diversão que se avizinhava dissipara-lhe do rosto aquela expressão sempre ligeiramente carrancuda e um pouco teimosa que lhe é habitual. Quando entrou na sala de jantar e, para nos deixar admirar o seu vestido amplo, rodopiou ligeiramente sobre si mesma, escondendo o rosto atrás da *écharpe* num gesto de timidez desusado, o pai e o irmão soltaram grandes interjeições de admiração, quase estupefactos por reconhecerem na filha e na irmã uma rapariga tão atraente. Eu também sorri, estava orgulhosa, até: estive quase para lhe dizer que gostaria de a ver assim, feliz, bonita, como deveria ser uma rapariga aos vinte anos. Depois, pensei que se calhar ela é sempre assim para os outros, completamente diferente daquela que nós conhecemos. E, ao perguntar a mim mesma com inquietação se um desses seus aspetos é uma ficção, um engano, percebi que não é ela que é diferente, mas os papéis que em casa e fora de casa é obrigada a representar. A nós está reservado o mais ingrato.

Riccardo foi vestir-se de imediato, encorajado pela visão da irmã. Poucos minutos depois, ouvi-o chamar-me do quarto. Pelo tom de voz dele, intuí logo o que se passava. Devo confessar que o temia havia dias, mas só naquele momento em que me chamou, «Mãe», fui forçada a reconhecer que o temia. O *smoking* de Michele estava-lhe apertado; as mangas, demasiado curtas. De pé, no meio

do quarto, entregava-se perante mim ao assombro da sua desilusão. O *smoking* já no ano passado lhe ficara justo; tínhamo-nos rido, dizendo que devia evitar abraçar uma rapariga, não fosse o fato abrir-se nas costas, as mangas descobriam-se. Mas Riccardo tornou-se mais robusto desde então, talvez até mais alto. Olhava para mim, esperando que quando eu aparecesse tudo se resolvesse, por milagre, como quando era criança. Também eu queria que fosse assim. Por um momento, pensei em dizer-lhe: «Está-te ótimo», e que ele podia acreditar em mim. Em vez disso, disse: «Não vai servir.» Em seguida, aproximei-me dele apalpando as mangas, o peito, imaginando ajustes velocíssimos, que, contudo, eu não seria capaz de efetuar. Riccardo seguia ansiosamente as minhas mãos com o olhar, na esperança de um diagnóstico favorável. Eu repeti, desmoralizada: «Não há nada que se possa fazer.»

Voltámos para a sala de jantar juntos. Riccardo tinha as orelhas vermelhas, o rosto pálido. «Não vamos ao baile», anunciou com um tom maldoso. Olhava para a irmã e era como se quisesse arrancar-lhe o vestido, o seu olhar parecia uma dentada. Mirella, temendo que nem uma revolta fosse capaz de evitar este infortúnio, perguntou, hesitante: «Porquê?» Ele mostrou que não conseguia abotoar o casaco e que as mangas deixavam à vista de uma maneira ridícula os punhos da camisa nova: «O pai tem os ombros estreitos», disse com maus modos.

Em seguida, passámos rapidamente em revista parentes e amigos que poderiam emprestar-nos um *smoking*. Dava-me conta de já o ter feito, inconscientemente, dois dias antes, e de ter concluído que quase nenhuma das pessoas que conhecíamos tinha um agora. Sustidos por um fio de esperança, telefonámos a um primo, mas ele próprio

precisava de um para essa noite. Pesámos e medimos mentalmente alguns amigos, abanando a cabeça. Um outro parente, inquirido por telefone, respondeu, quase perplexo pelo pedido: «Um *smoking*? Não, não tenho. Para que me serviria?» Riccardo, ao pousar o auscultador, disse com um riso nervoso: «Só conhecemos gente pobre.» E Michele replicou: «Gente como nós.» Então, Riccardo propôs, fingindo um ar de troça: «Podíamos alugar um, não? Como fazem os figurantes.» Michele disse: «Era só o que faltava.» Senti que estava a pensar na sua casaca, no fato de cerimónia que usou no dia do nosso casamento: estão ambos pendurados no armário, debaixo de um lençol branco. Pensava, com certeza, nos uniformes pretos e azuis do pai. «Era só o que faltava», repetiu, severo. Eu compreendia muito bem o que levava Michele a dizer aquilo; também eu me lembrava de muitas coisas do passado das quais é difícil separarmo-nos, e, todavia, julguei que eu devia ter dito que a ideia de Riccardo era excelente, que podíamos alugar um *smoking*. Senti que o meu filho esperava que o dissesse, era uma ajuda que gostaria de lhe dar, mas, contraída por uma indefinível incerteza, absteve-me de falar. Entretanto, Mirella olhava para mim fixamente, e eu disse com decisão: «Vai a Mirella sozinha.» Mirella queria responder; eu continuava sem olhar para ninguém: «Temos de começar a aceitar as situações novas: a de não ter um *smoking* e a de mandar uma rapariga sozinha a um baile, como eu não pude fazer, no meu tempo. Em tudo há uma vantagem. Tu leva-la lá, Michele. Depois, voltas para aqui. Ficaremos bem na mesma, nós os três. Riccardo, tens de ter paciência.»

Riccardo não dizia nada. Mirella abraçou-me ao de leve. Depois, indecisa sobre se devia despedir-se do irmão, saiu com um passo que pretendia ser discreto e que, pelo

contrário, pelo roçar do vestido, adquiria um tom de audácia. Tinha esperança de que, antes de ouvir a porta de casa fechar-se, acontecesse um milagre e eu pudesse correr para junto de Riccardo, rindo-me, como se, até então, estivesse a representar uma farsa. Via-me a tirar do armário um *smoking* novo em folha, conseguia ver a lapela de cetim brilhante. Quando a porta se fechou, Riccardo franziu um pouco a testa e eu repeti: «Tens de ter paciência.»

Disse-o com um tom humilde, como se tivesse alguma coisa pela qual devesse ser perdoada, e era precisamente contra esse tom que, no meu íntimo, apesar de o usar, me revoltava. Devia ter prometido a Riccardo comprar-lhe um *smoking* novo, a prestações, como tínhamos comprado o vestido de noite de Mirella; mas um fato de homem é sempre mais caro e, além disso, um homem não tem de arranjar marido. Tinha, pois, de reconhecer que não podia onerar com essa despesa supérflua o nosso orçamento. Lembrava-me de quando Mirella e Riccardo eram crianças pequenas e pediam brinquedos demasiado caros; eu respondia que o banco já não tinha dinheiro, eles acreditavam e rendiam-se àquela dificuldade insuperável. Mas agora não posso recorrer a subterfúgios semelhantes.

Quando Michele voltou, e nos sentámos à mesa, parecia-me que Riccardo olhava para o pai de forma diferente da habitual, quase medindo-o. Era um jantar invulgarmente bom e, contudo, comemos sem vontade. Eu tinha comprado alperces secos, que Michele adora: mas, quando os levei para a mesa, nem reparou neles. Opacos, enrugados, difundiam à sua volta uma sensação de tristeza e de miséria.

Depois do jantar, sentámo-nos ao pé do rádio. Não me atrevia a mencionar a garrafa de espumante que pretendia

abrir à meia-noite: o silêncio obstinado de Riccardo e o seu olhar duro detinham-me. De há algum tempo para cá, acontece-me frequentemente ver nos olhos dele aquela expressão hostil: uma expressão que me desagrada, nele, tão meigo e amável. Acontece sempre que é obrigado a ficar em casa por se ter acabado o dinheiro que Michele lhe dá todos os sábados para as suas despesas pessoais. Senta-se a ouvir rádio e escuta as canções para dançar, amuado, ou folheia uma revista. Pela primeira vez, na noite de Natal, compreendi que o seu mau humor é uma acusação ao pai e a mim. Na verdade, ele defende por vezes que Michele, embora tenha estado tantos anos num banco, não é um homem de negócios, querendo dizer com isso que não soube enriquecer; di-lo com um sorriso afetuoso, como se esta deficiência não fosse senão um hábito ou um resquício de snobismo. E, no entanto, naquele seu tom ligeiramente protetor, parece-me sempre ouvir uma condescendência, como se lhe perdoasse de bom grado tê-lo tornado vítima de uma inaptidão sua. No fundo, para Riccardo, esse gracejo é uma forma de ter pena de si mesmo, dando a impressão de absolver o pai.

Aproximei-me então de Michele, sentei-me ao lado dele, peguei-lhe na mão e apertei-lha com força; queria que a minha e a dele formassem uma só. Riccardo ouvia rádio e tinha a cabeça apoiada no espaldar da cadeira, sem olhar para nós. Via-o novamente a dizer: «O pai tem os ombros estreitos.» E, ao tornar a ouvir aquelas palavras — Deus meu, mal ousou confessá-lo, escrevo num momento de exasperação, talvez depois apague estas linhas —, ao tornar a ouvir aquelas palavras, tenho de admitir que me sentia maldosa. Queria levantar-me, pôr-me em frente de Riccardo, rir com sarcasmo e dizer-lhe, escarninha: «Pois

sim, a ver vamos como estarás tu, daqui a vinte anos.» Conheço mal a rapariga com quem ele fala ao telefone baixinho, horas a fio, uma rapariga loura, franzina, chamada Marina; mas sentia que ele pensava nela naquele momento, que a tomava pelo braço e partiam juntos. Punha-me também em frente dela, então, e, sempre a rir, dizia-lhe: «A ver vamos, a ver vamos.» Lembrava-me do dia em que disse a Michele que podíamos prescindir da ama, e ele tinha dito que sim sem olhar para mim, tinha dito que as crianças já eram grandes: tinham cinco e três anos. Lembrava-me de quando, mais tarde, lhe disse que era melhor despedir também a empregada e, perante a sua indecisão, mencionei o risco de ela poder contar a alguém as nossas compras no mercado negro. E, por fim, do dia em que, ao chegar a casa, abracei Michele com alegria e lhe anunciei que tinha conseguido arranjar um emprego: tinha muito tempo livre, agora que os miúdos estavam no liceu e a casa não me dava tanto trabalho. «A ver vamos», dizia eu a Marina, a rir-me, «a ver vamos», e, entretanto, apertava com força a mão querida de Michele.

mais tarde

São duas da manhã, levantei-me para escrever: não conseguia dormir. A culpa é, mais uma vez, deste caderno. Dantes, esquecia-me logo do que acontecia cá em casa; agora, pelo contrário, desde que comecei a tomar nota dos acontecimentos de cada dia, conservo-os na memória e tento perceber porque é que ocorreram. Se é verdade que a presença oculta deste caderno dá um sabor novo

à minha vida, tenho de reconhecer que não a torna mais feliz. Numa família, temos de fingir nunca nos darmos conta do que acontece, ou, pelo menos, não nos interrogarmos acerca do seu significado. Se eu não tivesse este caderno, agora já não me lembraria do comportamento de Riccardo na véspera de Natal. Mas, assim, não posso evitar notar que algo de novo se passou entre pai e filho, naquela noite, embora aparentemente nada tenha mudado e no dia seguinte ambos tenham estado carinhosos um com o outro, como de costume. Michele não voltou a falar do assunto: no entanto, intuo que ele, apesar de compreender a atitude de Riccardo, não consiga evitar considerá-lo ingrato. Eu também o considereei ingrato, a princípio, mas depois tive de reconhecer honestamente que se trata de outra coisa.

O facto é que os nossos filhos já não conseguem acreditar em nós como nós acreditávamos nos nossos pais. Quis tentar convencer Michele disso, ainda na noite de Natal, mas não fui capaz de traduzir em palavras os meus pensamentos confusos. Riccardo tinha ido para a cama e nós esperávamos que Mirella regressasse do baile. «Escuta, Michele», disse-lhe, «lembras-te de quando, durante a guerra, pedíamos aos miúdos para não dizerem a ninguém na escola que tínhamos comprado sapatos no mercado negro?» Ele respondeu-me distraidamente, perguntando-me porque é que me vinham à memória aquelas coisas. Eu não consegui indicar-lhe um motivo específico, mas insisti: «E quando lhes pedíamos para não dizerem que ouvíamos rádios estrangeiras?» Gostaria de lhe ter explicado que, uma vez, naquele período, me tinha sido difícil castigar Mirella por ela ter dito uma mentira qualquer. Era já quase da minha altura e, enquanto eu lhe falava,

ela olhava-me nos olhos. Eu pensava que nunca tinha surpreendido a minha mãe a dizer uma mentira. Isso tornava-a talvez algo desumana, em relação a mim, mas não podia dizer ter sido alguma vez sua cúmplice. Quando o meu pai voltava do escritório e eu o via tirar o chapéu, pousar a pasta de advogado, nunca me ocorreu pensar que ele não soubera tirar partido da sua vida e que, por isso, não éramos ricos. Parecia-me que ele era possuidor de bens muito mais valiosos do que a riqueza, com a qual nunca me ocorria compará-los. Agora, no entanto, por vezes não consigo encontrar em mim de forma tão clara, estável e definida aquele modelo de vida que os nossos pais, com o seu exemplo, nos apontavam e em que parecia natural inspirarmo-nos. Duvido, enfim, que tudo o que possuímos e que os nossos pais possuíram antes de nós — tradições, linhagem, códigos de honra — valha ainda, em qualquer circunstância, em face do dinheiro. No entanto, apesar de duvidar, no fundo não posso evitar continuar a acreditar nas minhas antigas convicções. Mas gostaria que Michele tivesse compreendido que, por causa destas nossas dúvidas, talvez Riccardo e Mirella já não acreditem em nós.

1 de janeiro de 1951

É como se estivesse sozinha em casa, Michele está a dormir. Mas, desde que comecei a escrever este diário, temo sempre que finja estar a dormir para me surpreender. Escrevo na mesa da cozinha e pus ao pé de mim o livro das despesas de casa para tapar o caderno, caso Michele entre de rompante. Se bem que, se fosse apanhada

numa mentira, seria ainda pior: seria o fim da harmonia e da confiança que estiveram sempre na base da nossa relação, em vinte e dois anos de casamento. Na verdade, seria melhor para mim confessar a Michele a existência deste caderno, e porventura rogar-lhe que nunca me peça para lhe mostrar o que escrevo. Se, pelo contrário, fosse surpreendida, permaneceria sempre entre nós a dúvida de quantos outros segredos eu tenha ou possa ter tido para ele. O absurdo está em eu reconhecer francamente que, se Michele tivesse um diário sem eu saber, me sentiria ofendida.

Uma outra coisa me impede de confessar que escrevo: o remorso de perder tanto tempo a escrever. Queixo-me muitas vezes de ter demasiadas coisas para fazer, de ser escrava da família, da casa; de nunca ter a possibilidade de ler um livro, por exemplo. Tudo isso é verdade, mas, num certo sentido, essa escravidão tornou-se também a minha força, a auréola do meu martírio. De maneira que, quando raramente me acontece dormir uma meia hora antes de Michele e os miúdos chegarem para jantar, ou dar uma volta e ver as montras à vinda do escritório, nunca o confesso. Temo que, ao admitir ter desfrutado de um breve momento de repouso ou de uma pequena distração que seja, possa perder a fama que possuo de dedicar cada instante do meu tempo à família. Com efeito, se o admitisse, todos os que me circundam já não se lembrariam das inúmeras horas que passo no escritório ou na cozinha ou a fazer compras ou a passajar, mas só dos breves momentos que empreguei a ler um livro ou a dar um passeio. Na verdade, Michele incentiva-me sempre a conceder-me algum descanso, e Riccardo diz que, mal possa ganhar dinheiro, me oferecerá uma viagem a Capri

ou à Riviera. O reconhecimento do meu cansaço exime-os de qualquer responsabilidade. Por isso me repetem frequentemente, com severidade: «Devias descansar», como se não o fizesse por capricho. Depois, na prática, assim que me veem sentada no meio deles a ler um jornal, pedem-me logo: «Mãe, uma vez que não tens nada para fazer, podias coser a forro do meu casaco? Podias passar-me as calças a ferro?», e por aí fora.

Assim, pouco a pouco eu própria me convenci disso. Quando, no escritório, nos dão um dia de folga, anuncio de imediato que o dedicarei a vários afazeres em atraso e aos quais já tinha destinado aquele dia livre. Asseguro, em suma, que não vou ficar a descansar: pois, se o fizesse, aquele breve dia teria, aos olhos de quem me rodeia, a aparência de um mês inteiro de repouso. Há uns anos, uma amiga convidou-me a passar uma semana numa casa de campo dela, na Toscana. Parti cansadíssima, por ter preparado tudo para que durante a minha ausência nada faltasse a Michele e aos miúdos; e, quando voltei, encontrei inúmeras coisas por fazer que se tinham acumulado durante as minhas curtas férias. E, ainda em pleno inverno, se mencionava o meu cansaço, todos me lembravam que naquele ano tinha estado de férias e que o meu corpo devia ter beneficiado disso. Ninguém parecia perceber que uma semana de descanso em agosto não podia impedir-me de estar cansada em outubro. Se às vezes digo: «Não me sinto bem», Michele e os miúdos ficam brevemente num silêncio respeitoso e embaraçado. Depois, levanto-me, volto a fazer o que me compete. Ninguém se mexe para me ajudar, mas Michele grita: «Depois dizes que não te sentes bem, não paras quieta um instante.» Logo a seguir, começam a falar sobre isto e aquilo, e os miúdos dizem-me,

ao saírem: «Descansa, sim?» Riccardo faz-me um pequeno gesto ameaçador com o dedo, como que a desencorajar-me de sair para me divertir. Só a febre, a febre alta, leva a crer, na nossa família, que estamos realmente doentes. A febre preocupa Michele, os miúdos trazem-me laranjada. Mas eu raramente tenho febre; nunca, diria até. Mas estou sempre cansada, e ninguém acredita. E, no entanto, a minha paz nasce precisamente do cansaço que sinto quando me deito na cama, à noite. Nele encontro uma espécie de felicidade na qual me acalmo e adormeço. Devo reconhecer que, se calhar, a determinação com a qual me defendo de qualquer possibilidade de descansar não é senão o medo de perder esta única fonte de felicidade que é o cansaço.

3 de janeiro

Ontem estive em casa de Giuliana. Todos os anos digo que não quero ir ao chá habitual que, por ocasião do seu aniversário, ela oferece a algumas antigas companheiras de escola de quem se mantém amiga. Digo que tenho demasiado que fazer para me ausentar do escritório, afirmo que, se o pudesse fazer, o aproveitaria para coisas mais importantes. Todos os anos Michele e os miúdos insistem, tentam convencer-me de que não devo renunciar ao prazer de voltar a ver as minhas velhas amizades, sobretudo porque agora raramente tenho ocasião para tal, por causa das vidas diferentes que levamos. Eu abano a cabeça, oponho-me; depois, todos os anos, acabo por ir.

Ontem, ao pequeno-almoço, opunha-me com mais veemência do que o habitual, quando Mirella disse: «Vá lá,

sabes muito bem que irás: mandaste arranjar o chapéu preto.» Olhámos uma para a outra sem simpatia, e eu não me atrevi a responder. Talvez porque Mirella tem razão. Todos os anos, de facto, sem o confessar a mim mesma, já nos primeiros dias de dezembro experimento um dos velhos chapéus, que agora só uso raramente, e convenço-me de que precisa de ser atualizado. Em seguida, surpreendo-me parada em frente dos quiosques onde se expõem as revistas de moda, experimentando, na imaginação, o extravagante chapelinho moderno que vem reproduzido numa capa. Se alguém se aproxima, deixo o olhar deslizar sobre o jornal mais próximo e finjo ler os títulos dos artigos políticos. Depois, mal estou outra vez sozinha, o meu olhar regressa com afeto às revistas de moda. Volto para casa com aquele chapéu novo na cabeça, aquela pluma que me cai para um lado do pescoço, exibindo no rosto a expressão fátua e esquiva das modelos. Admira-me que a minha família não se dê conta, nem sequer Michele. Cumprimenta-me como de costume, dizendo: «Boa tarde, mãe!» Durante dias continuo a caminhar na rua com aquele chapéu na cabeça, vejo-me assim, sentada na sala de Giuliana. Por fim, decido-me, telefono a uma modista de chapéus que conheço, muito hábil em arranjos, e sussurro-lhe misteriosamente que vou ter com ela no dia seguinte. Contudo, quando o chapéu está no armário e se fala do chá de Giuliana, eu insisto ainda: «Não vou, não vou.» Tenho quase medo de o pôr, como se não conseguisse superar uma prova.

A prova é talvez o olhar de Mirella. Michele diz sempre que eu estou muito bem, e depois lamenta-se de os seus rendimentos já não me permitirem frequentar aquela modista da via Veneto onde eu comprava os chapéus na época do meu casamento. «Porquê?», pergunto-lhe eu.

Subversiva, feminista, inconformada: Alba de Céspedes abalou os alicerces da literatura na Europa do pós-guerra e abriu, com *O caderno proibido*, uma janela: lá fora, o mundo reconstrói-se; dentro de portas, a vida doméstica de uma mulher comum sofre uma implosão, quando ela decide começar um diário.

Roma, década de 1950: Valeria Cossati vai comprar cigarros para o marido, ignorando que sairá da tabacaria com um caderno que há de mudar a sua vida. Ao transformar esse caderno num diário secreto onde regista pensamentos e desejos do dia-a-dia, Valeria transforma-o num instrumento de emancipação: liberta-se das convenções sociais, do sentido de dever para com o marido e os filhos, dos limites autoimpostos que regem o seu pequeno mundo. A partir daqui, tudo é questionado. Valeria compreende que está em translação e decide conquistar o lugar que escolheu para si.

Clássico redescoberto, testemunho histórico de uma época, retrato primoroso da turbulência doméstica, *O caderno proibido* condensa a sede de liberdade de toda uma geração e das outras que se lhe seguiriam. Precursora da linhagem literária mais disruptiva da modernidade — de Virginia Woolf a Natalia Ginzburg, de Marguerite Duras a Vivian Gornick —, Alba de Céspedes celebra aqui o poder da escrita e a audácia indómita de uma mulher numa sociedade em ebulição.



«Ler Alba de Céspedes foi como aceder a um universo desconhecido: classes sociais, sentimentos, atmosferas.»

ANNIE ERNAUX

«Enquanto escrevo, leio apenas livros que me façam boa companhia. [...] A alguns deles, como os de Alba de Céspedes, chamo livros de alento.»

ELENA FERRANTE



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN 9789897872310



9 789897 872310 >